



## **O PATRIMÔNIO TERRITORIAL VITIVINÍCOLA DO SUL DE MINAS GERAIS: EXPRESSÕES DO CULTIVO DA UVA E DO FABRICO DO VINHO<sup>1</sup>**

## **EL PATRIMONIO TERRITORIAL VITIVINÍCOLA DEL SUR DE MINAS GERAIS: EXPRESIONES DEL CULTIVO DE LA UVA Y DE LA FABRICACIÓN DEL VINO**

## **THE WINE-GROWING TERRITORIAL HERITAGE IN THE SOUTH OF MINAS GERAIS: EXPRESSIONS OF GRAPE GROWING AND WINE MAKING**

**Marcelo Cervo Chelotti**

Professor do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia - Minas Gerais  
E-mail: mcervochelelotti@gmail.com

**Rosa Maria Vieira Medeiros**

Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
E-mail: rmvmedeiros@ufrgs.br

### **RESUMO:**

Nas últimas décadas tem crescido os estudos sobre as expressões contemporâneas da vitivinicultura nos novos e velhos territórios da uva do vinho, sendo possível identificarmos em determinados territórios, não somente do velho mundo, mas também no novo mundo, em especial no Brasil, uma herança vitivinícola, que se expressa entre uma velha e uma nova ruralidade do cultivo da uva, e do fabrico do vinho. Nesse contexto, nas últimas décadas o sul de Minas Gerais, tem desenvolvido cultivares de videiras com objetivo de produção de vinhos finos, associado ao movimento de modernização e profissionalização na produção de vinho. No entanto, não podemos negligenciar a tradição da cultura do vinho no sul de Minas Gerais, desenvolvida desde o início do século XX, que no contemporâneo configura-se enquanto expressão de uma ruralidade associada à cultura e patrimônio do vinho.

**Palavras-chave:** Territórios vitivinícolas. Patrimônio do vinho. Produção artesanal. Sul de Minas Gerais.

---

### **RESUMEN:**

En las últimas décadas ha crecido los estudios sobre las expresiones contemporâneas de la vitivinicultura en los nuevos y viejos territorios de la uva del vino, siendo posible identificar en determinados territorios, no sólo del viejo mundo, sino también en el nuevo mundo, en especial en Brasil, una herencia vitivinícola que se expresa entre una vieja y una nueva ruralidad del cultivo de la uva, y de la fabricación del vino. En este contexto, en las últimas décadas el sur de Minas Gerais, ha desarrollado cultivares de vides con objetivo de producción de vinos finos, asociado al movimiento de modernización y profesionalización en la producción de vino. Sin embargo, no podemos descuidar la tradición de la cultura del vino en el sur de Minas Gerais, desarrollada desde principios del siglo XX, que en el contemporâneo se configura como expresión de una ruralidad asociada a la cultura y el patrimonio del vino.

**Palabras clave:** Territorios vitivinícolas. Patrimonio del vino. Producción artesanal. Sur de Minas Gerais.

---

### **ABSTRACT:**

In recent decades there has been a growing number of studies on the contemporary expressions of viticulture in the new and old wine grape regions. It is possible to identify in certain territories not only the old world, but also in the new world, especially in Brazil, a wine heritage, which is expressed between an old and a new rurality of the cultivation of the grape, and the manufacture of wine. In this context, in the last decades the south of Minas Gerais has developed grape cultivars with the objective of producing fine wines, associated

---

<sup>1</sup> Parte integrante da pesquisa desenvolvida no âmbito do estágio Pós-Doutoral realizado junto ao Núcleo de Estudos Agrários/NEAG e Centro do Patrimônio e Cultura do Vinho/CEPAVIN, vinculados ao Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS.

with the modernization and professionalization movement in wine production. However, we cannot neglect the tradition of wine culture in the south of Minas Gerais, developed since the beginning of the 20th century, which in the contemporary era is an expression of a rurality associated with the culture and heritage of wine.

**Keywords:** Wine-growing areas. Wine heritage. Handmade production. South of Minas Gerais.

## 1 INTRODUÇÃO

Na última década a discussão sobre a relação do mundo rural com a sociedade contemporânea, vem ganhando ênfase entre sociólogos, economistas, antropólogos e geógrafos. Embora reconheçamos a necessidade de se pensar a ruralidade contemporânea a luz da questão interdisciplinar, não podemos perder de foco a questão dos aportes teóricos da Geografia para sua compreensão. É nesse sentido que a perspectiva territorial, a partir dos postulados da categoria geográfica território, representa uma possibilidade de leitura das ruralidades contemporâneas, principalmente a partir de suas expressões territoriais, considerando tanto a dimensão material da apropriação, como também a sua dimensão imaterial.

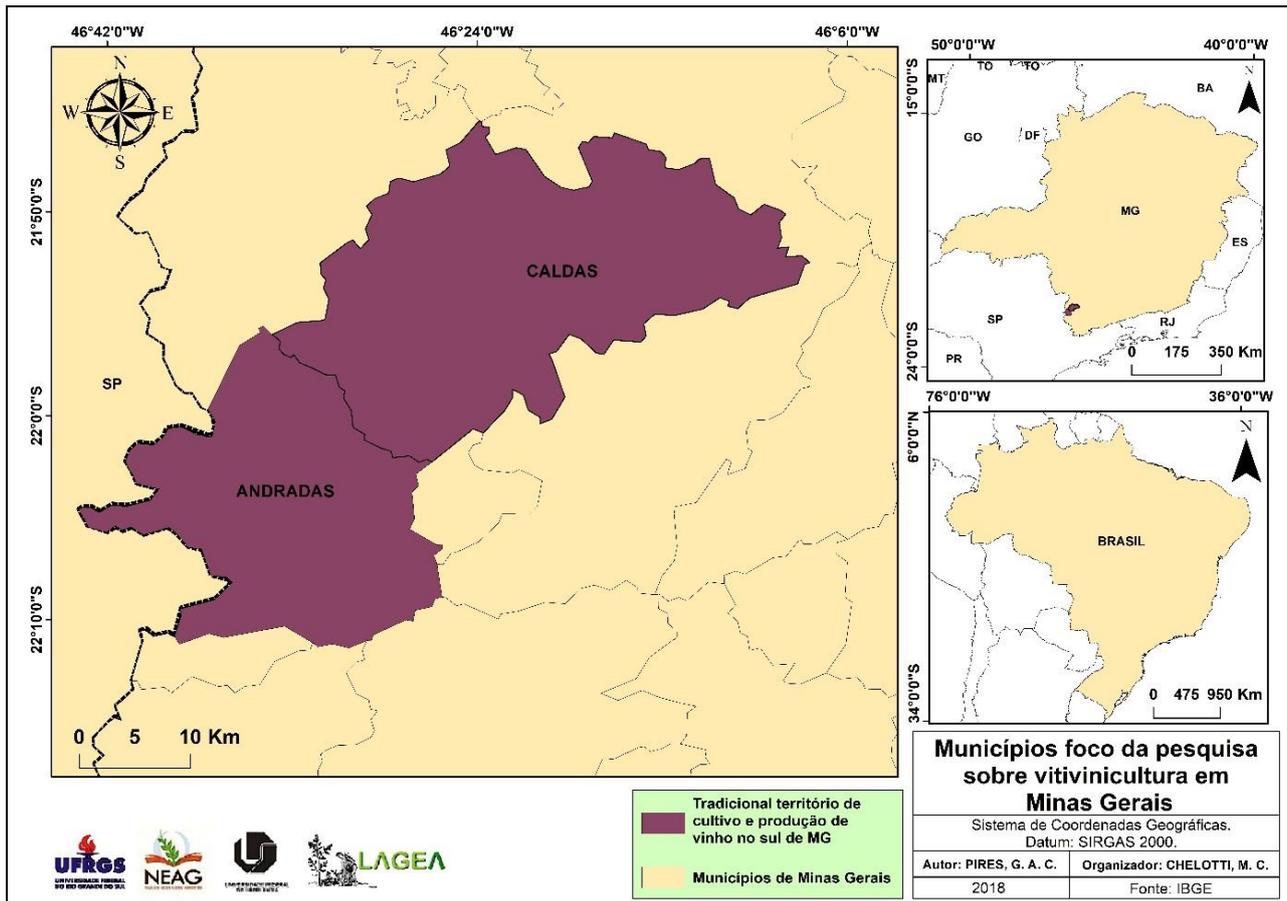
Portanto, estamos entendendo a leitura da ruralidade como parte dos conteúdos ou significados das práticas sociais. Assim, para tal análise devemos relativizar a valorização do econômico, e incorporar também a dimensão cultural. A partir dessa premissa, por exemplo, compreendemos que muitas manifestações e práticas socioculturais permanecem no rural, mesmo diante do processo de modernização, pois ambos podem comparecer nos mesmos territórios, apenas com ruralidades distintas.

É, nesse contexto, que se inserem as recentes discussões sobre as expressões territoriais da vitivinicultura, sejam elas associadas às práticas tradicionais do saber fazer o vinho (colonial/rústico), ou as novas práticas associadas a saber fazer junto aos processos modernos (finos/castas), produzindo novas ruralidades associadas a uva e ao vinho.

Assim, estamos diante de uma possibilidade interpretativa na compreensão das expressões contemporâneas da vitivinicultura, ou melhor, dos novos e velhos territórios da uva do vinho. Nesse contexto, é possível identificarmos em determinados territórios, não somente do velho mundo, mas também no novo mundo, em especial no Brasil, uma herança vitivinícola, que se expressa entre uma velha e uma nova ruralidade do cultivo da uva, e do fabrico do vinho.

Nesse contexto, o presente texto tem como objetivo discutir as expressões da ruralidade do cultivo da uva e do fabrico do vinho enquanto patrimônio territorial vitivinícola no sul de Minas Gerais, em especial nos municípios de Andradas e Caldas (Mapa 1).

Mapa 1: Localização da área de estudo (Andradas e Caldas) no contexto de Minas Gerais



Em relação aos procedimentos metodológicos, esses foram divididos em etapas: Na primeira etapa realizamos pesquisa bibliográfica acerca do tema a ser pesquisado, ou seja, território e regiões vitivinícolas, patrimônio material e imaterial da uva e do vinho, a ruralidade como expressão do modo de fazer; numa segunda etapa realizamos a coleta em dados secundários: Enciclopédia dos municípios Brasileiros; Pesquisa Agrícola Municipal/PAM/IBGE; Censos Agropecuários do IBGE; e, na terceira etapa realizamos a pesquisa de campo para coleta de dados primários nos municípios de Andradas e Caldas com visitação às cantinas e vinícolas da região.

## 2 O CULTIVO DA UVA E O FABRICO DO VINHO ENQUANTO PATRIMÔNIO

O patrimônio histórico pode ser definido como um bem material, natural ou imóvel que possui significado e importância artística, cultural, religiosa, documental ou estética para a sociedade. A Constituição Federal de 1988, concebe e assegura uma proteção específica ao patrimônio cultural, passando a abranger não só os bens de natureza material como também os

imateriais; além de conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

De maneira geral existe um deslocamento discursivo e de objeto no campo do patrimônio<sup>2</sup> nas últimas décadas, passando de uma abordagem relacionada ao patrimônio histórico e artístico para o patrimônio cultural; do patrimônio como expressão artística e histórica de um grupo e manifestação de uma identidade nacional, ao patrimônio como prática da cidadania (RIBEIRO, 2017).

É nesse contexto que outras perspectivas de patrimônio vão sendo valorizadas, principalmente aquelas ligadas a determinadas comunidades, muitas vezes marginalizadas pela cultura dominante, mas que possuem especificidades em sua forma de saber e de fazer. Mediante esse quadro estamos vivenciando um momento muito profícuo de revitalização e reinterpretação da especificidade cultural.

Se outrora a patrimonialização tinha relação direta com a dimensão material, nas últimas décadas a perspectiva imaterial tem avançado significativamente. Um exemplo dessa questão é o reconhecimento da paisagem enquanto patrimônio cultural. Mais especificamente, podemos citar a paisagem vitivinícola na Europa, como é o caso da região do Douro em Portugal.

Nesse contexto, tanto a Espanha como Portugal pela larga tradição vitivinícola, existem muitos museus temáticos enquanto patrimônio cultural, contribuindo como elementos importantes para o desenvolvimento econômico e social onde estão inseridos. Para Cavicchioli (2013) um importante meio capaz de conferir maior visibilidade ao patrimônio cultural do vinho, ao mesmo tempo em que o preserva, são as rotas turísticas e os museus.

A existência de um considerável patrimônio cultural associado a tradição do cultivo da uva e do fabrico do vinho, possibilitou em 2006 a formação da *Chaire UNESCO « Culture et Traditions du Vin*<sup>3</sup> pela Universidade da Borgonha/França. A cátedra está ancorada numa rede internacional de parceiros do mundo acadêmico, do mundo profissional vitivinícola e de empresas, do mundo cultural, do mundo institucional. Ainda envolve dezenas de países de “antigos” e de “novos vinhedos” de todos continentes.

Dentre os seus objetivos da Cátedra, podemos destacar: (a) Pesquisar a parte da herança cultural na geografia, nas práticas culturais ou enológicas, na organização, na valorização e a produção de “antigos vinhedos”; (b) Analisar os motivos do desenvolvimento de “novos vinhedos”

<sup>2</sup> A discussão sobre a moderna política de patrimônio cultural nasce no século XIX na Europa. Para maiores detalhes consultar CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação liberdade, Unesp, 2001.

<sup>3</sup> Uma cátedra da UNESCO é constituída de uma rede internacional de parceiros que propõem um projeto em comum em torno de uma problemática podendo sustentar programas prioritários, tais como a difusão da educação e da pesquisa, a cultura, a igualdade de oportunidades, o ambiente e o desenvolvimento durável ou ainda a paz e a governabilidade e também a salvaguarda do patrimônio (CÁTEDRA UNESCO, 2018).

ou ainda a emergência de “vinhedos externos” em regiões onde, a priori o ambiente não permitiria a videira.

Os aspectos patrimoniais e culturais da vinha e do vinho estão, de agora em diante, integrados à valorização das regiões vinícolas, em todo o mundo. A classificação de 09 vinhedos, todos europeus, como patrimônio mundial da UNESCO no curso dos últimos 15 anos tem mostrado como o patrimônio do vinho, material e imaterial, constitui um vetor significativo de desenvolvimento econômico e turístico e, atualmente, muitas regiões preparam ou submetem suas candidaturas à UNESCO (LUCCA FILHO *et al.*, 2013).

Nesse contexto, em países do novo mundo (Argentina, África do Sul, Brasil e Chile) podemos observar a formação de uma identidade territorial associada ao cultivo da uva e do fabrico do vinho. No Brasil, em especial na Serra Gaúcha, o desenvolvimento da vitivinicultura se deu associada a migração italiana no século XIX. O cultivo da uva em pequenas propriedades familiares imprimiu na paisagem e fortes marcas identitárias, em que parreirais de uvas, cantinas e o vinho são marcas que estão impressas no território e que culturalmente transformaram-se em uma identidade territorial (DUARTE; FERNANDES, 2014).

Com o desafio de pesquisar novas e velhas regiões vitivinícolas, não podemos negligenciar as experiências existentes em outras partes do território brasileiro. E é, nesse cenário, que se insere o estado de Minas Gerais, localizado na região sudeste, reconhecido pelos excelentes cafés e cachaças. No entanto, no sul mineiro a produção de vinho tem uma tradição que remonta ao final do século XIX e início do XX.

Sendo assim, durante o processo de formação dessa identidade territorial vitivinícola também se formou um patrimônio cultural, pois na medida em que o tempo passa são materializados no território distintas marcas do cultivar a uva e de fabricar o vinho. No caso do município de Andradas (MG) existe a tradição da vitivinicultura, como um traço da predominância da colonização italiana, que por meio das famílias que se instalaram, passaram a reproduzir seus costumes e a técnica de cultivo da uva e produção de vinhos.

É notável a tradição vitivinícola no município de Andradas, resguardada pelos produtores, que, em sua inscrição terrestre, têm a uva, o vinho e o modo de vida relativo a eles como valores geográficos (KALIL, 2016, p. 62).

Assim, o passado foi reconstituído neste estudo tendo como principal fonte as histórias orais das famílias produtoras de vinho em Andradas, que possuem uma identidade baseada na tradição do vinho, marcada pela descendência italiana (KALIL, 2016, p. 64).



Para Amaral e Barth (2013), devemos aprofundar o conceito de patrimônio, o relacionando não apenas com o conjunto arquitetônico, mas com o patrimônio cultural da comunidade, gerando assim novos potenciais de utilização desses espaços para o lazer, à cultura e ao turismo na região.

A cultura da uva e do vinho construiu uma marca nos sujeitos e na sociedade das regiões onde centenas de milhares de pessoas construíram e constroem suas vidas. Nesse contexto, os elementos materiais e imateriais da vitivinicultura são expressão cultural, cuja paisagem vitícola distingue e identifica os territórios (FALCADE, 2017).

Mediante o exposto, acreditamos na existência de um Patrimônio Territorial da uva e do vinho no sul de Minas Gerais. Sendo o patrimônio territorial como aquelas territorialidades contidas na ruralidade, e que expressam identidades cristalizadas historicamente no território.

As identidades são produtos dos processos históricos e relacionais, ou seja, da formação de cada território num contexto de relações sociais com o ambiente externo à vida em sociedade. *A identidade, desta maneira, configura-se num patrimônio territorial a ser preservado e valorizado pelos atores envolvidos diretamente na sua constituição histórica e por outras pessoas que podem 'viver' esse patrimônio.* O território, então, envolve esse patrimônio identitário: o saber-fazer, as edificações, os monumentos, os museus, os dialetos, as crenças, os arquivos históricos, as relações sociais das famílias, as empresas, as organizações políticas... que pode ser potencializado em projetos e programas desenvolvimento que visem sua preservação e valorização (SAQUET; BRISKIEVICZ, 2009, p. 9, grifo nosso).

Nesse contexto, destacamos alguns elementos que corroboram com a formação do patrimônio territorial vitivinícola no sul mineiro, em especial em Andradas e Caldas: (a) A existência da Festa do Vinho que vem sendo realizada desde a década 1950; (b) O papel histórico desempenhado pela EPAMIG/Caldas desde os anos 1930 na difusão de tecnologia vitivinícola; (c) O patrimônio material das antigas adegas; (d) O patrimônio imaterial contido nos modos de cultivar a uva e fabrico do vinho; (e) A paisagem vinícola; e (f) as novas experiências no cultivo e na fabricação do vinho que indicam uma atividade viva, e não em extinção.

#### *(a) A existência da Festa do Vinho que vem sendo realizada desde a década 1950*

Desde o ano de 1954 é realizada a Festa do Vinho em Andradas. Evento consolidado no calendário do município, reforça o papel da vitivinicultura na constituição de uma forte identidade associada a uva e o vinho, sendo a Festa do Vinho um dos maiores patrimônios culturais (Figura 1).

Apesar de que a produção na atualidade não possua a efervescência dos anos 40, 50, e 70 do século passado, devido ao fechamento de muitas adegas, a produção de vinhos e congêneres ainda é

uma das maiores fontes de divisas para a receita municipal, além de movimentar a economia local com serviços e empregos (SOUZA, 2018).

Figura 1: Festa do Vinho no município de Andradás/Minas Gerais



Fonte: Pesquisa de campo (2018)

*(b) O papel histórico desempenhado pela EPAMIG/Caldas desde os anos 1930 na difusão de tecnologia vitivinícola*

A importância econômica da vitivinicultura em Caldas, fomentou na década de 1930 a fundação de uma cooperativa. De acordo com a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros/IBGE, no ano de 1955 os 360 ha de uva eram responsáveis por 26% do valor da produção agropecuária. No entanto seus propósitos cooperativistas não progrediram, sendo mais tarde transformada em Sociedade Comercial, e posteriormente Sociedade Vinícola Caldas Ltda.

A consolidação do município de Caldas<sup>4</sup> enquanto produtor de vinho, possibilitou em 1936 a instalação de uma Estação de Enologia (Figura 2) por parte do Governo Federal, para realizar pesquisas com o objetivo de melhoramento da qualidade dos parreirais e consequentemente do

<sup>4</sup> No ano de 1938 o seu nome passou para Parreiras (Decreto Estadual n.88 de 1938). Mas no ano de 1948 retornou a nomenclatura de Caldas.



Figura 3: Patrimônio material da vitivinícola em Andradadas/MG



Fonte: Ricardo Luiz de Souza (2017)

*(d) O patrimônio imaterial contido nos modos de cultivar a uva e fabrico do vinho*

Há um considerável conhecimento acumulado sobre a vitivinicultura no decorrer das décadas, nos saberes e fazeres dos camponeses do sul mineiro (Figura 4). O empirismo, e as observações diárias nas parreiras foram fundamentais para identificar que algumas plantas não abortavam suas flores, sendo essa uma grande descoberta, capaz de resolver o grande problema da baixa produção da vitivinicultura local.

Mediante essa observação em campo, a EPAMIG no decorrer dos anos conseguiu clonar as plantas resistentes, para assim difundir mudas com melhor qualidade produtiva. Como toda essa observação aconteceu no sítio localizado no bairro da Bocaina em Caldas, mais especificamente na propriedade do senhor Ismael Hurtado, o clone foi batizado como “Clone 13 Paco”.

Figura 4: Patrimônio imaterial (saberes e fazeres) na vitivinícola em Caldas/MG



Fonte: Pesquisa de campo (2018)

*(e) as novas experiências no cultivo e na fabricação do vinho que indicam uma atividade viva, e não em extinção.*

Kalil (2013) destaca três possíveis cenários para a vitivinicultura no sul mineiro: a tradicional, a comercial e a científica. A vitivinicultura tradicional composta por vinícolas menores e artesanais, defronta-se com a inviabilidade de manter a produção da uva Jacques e do seu vinho; a vitivinicultura comercial formada apenas por duas vinícolas estão renovando seus parreirais com cultivares para produção de vinhos finos e espumantes, além da aposta no enoturismo; e a vitivinicultura científica, na qual tem-se investido em produção apenas de viníferas para vinhos finos visando substituir a uva Jacques.

Figura 5: Diferentes paisagens da vitivinicultura no sul de Minas



Fonte: Pesquisa de Campo (2018)

Se por um lado, a vitivinicultura associada a produção artesanal de vinho de mesa está sendo mantida enquanto patrimônio cultural, por outro, uma nova vitivinicultura está sendo desenvolvida a partir da produção de uvas para vinhos finos.

### 3 O MUSEU DO VINHO DE ANDRADAS

O sudeste brasileiro se comparado ao sul do Brasil, em especial o estado do Rio Grande do Sul, não tem a mesma importância econômica e histórica em relação a vitivinicultura. Porém, podemos destacar duas regiões com tradição no cultivo de uvas para a fabricação de vinhos, sendo uma em São Roque no interior de São Paulo, e outra no sul de Minas Gerais, em especial no município de Andradadas.

É nesse contexto que se localiza a Adega Izidro representante do auge da produção de vinhos em Andradadas entre as décadas de 1960 e 1980. A vinícola foi inaugurada em 1959, seguindo os padrões e técnicas de produção do Vinho tipo Madeira, empresa proveniente da Ilha da Madeira. Andradadas foi o local no Brasil escolhido pela empresa portuguesa por reunir todas as características

que possibilitariam um vinho com a qualidade do produzido na Ilha da Madeira (PREFEITURA ANDRADAS, 2018).

Assim, ao reconhecer a antiga adega enquanto patrimônio cultural, as futuras gerações poderão ter acesso aos aspectos do passado que foram e são muito importantes para o município. Embora esteja em processo de reestruturação, a vitivinicultura em Andradas não pode ser negligenciada em seus aspectos históricos, pois imprimiu no território e na paisagem suas expressões, sejam por meio de parreirais, das adegas, e um modo de fazer vinho.

Considera-se como uma ameaça à preservação das antigas vinícolas o abandono das atividades tradicionais relativas à produção de vinho. A desativação da produção vinícola implicou o abandono dos edifícios. Levando em conta que o resgate dessa atividade pode se tornar inviável, julga-se relevante a utilização dessas construções para outros usos adequados, garantindo ao menos a conservação e a salvaguarda dessas edificações industriais. Acredita-se que as potencialidades enoturísticas estão ligadas ao seu patrimônio material e também imaterial, devendo-se levar em consideração o potencial de novos usos dessas edificações e os vínculos com a paisagem e a história da região (BARTH; AMARAL, 2015).

Para Tedesco (2013) dar visibilidade aos vestígios, às memórias de lugares e aos lugares de memória, é quase que um imperativo na sociedade atual, pois vivemos num período de ameaça das identidades, de substituições de tempos e lugares, de encurtamento de distância, de massificação de registros, de tempos com dimensões lineares.

Portanto, é nesse contexto que está em curso o projeto do museu do vinho de Andradas, visando valorizar e preservar a história das vinícolas é de suma importância para a cidade, pois a sua conservação e valorização é a força motriz para a conservação da memória coletiva da cidade e de seus cidadãos. Valorizar as raízes é criar identidade e pertencimento de todas as pessoas envolvidas, aguçando o senso crítico e o exercício da cidadania (PREFEITURA ANDRADAS, 2018).

As instituições museais passam a existir nas relações com a sociedade, nas suas mais diversas fragmentações e segmentações, a responder a reivindicações sociais crescentes para participação nos processos de musealização e a aprender a lidar com o direito de grupos a tecer suas micro-histórias, construir suas memórias, eleger e preservar seus patrimônios (CURY, 2013).

A proposta do Museu do Vinho de Andradas levará em consideração o processo histórico da instalação e desenvolvimento da vitivinicultura no município de Andradas, entre o final do século XIX e ao decorrer do século XX, destacando a relação econômica entre a imigração italiana e o desenvolvimento vinícola. Outro marco foi a construção e operação da Subestação de Enologia pelo

Estado Novo Varguista, além da primeira Festa do Vinho de 1954. O plano museológico resgatará a importância histórica da vitivinicultura para o município, reforçando assim um sentimento de pertencimento e de valorização dos patrimônios históricos (PLANO MUSEOLÓGICO, 2018).

O tombamento das instalações da antiga adega Izidro Gonsalves pelo poder público municipal insere Andradas no circuito nacional e internacional do patrimônio industrial, principalmente aquele associado a produção do vinho.

Pensar os museus, como os de temática industrial, em toda a sua abrangência no que toca às suas potencialidades de motor de desenvolvimento. Não somente como um instrumento de activação social, cultural, educativa, lúdica, mas igualmente como um elemento de intervenção política e económica, com plenos poderes de directa ou indirectamente, servir e influenciar o devir dos diversos sectores da sociedade. A primeira assunção advém do entendimento da própria cultura material que os sustenta como uma dimensão intimamente associada ao futuro dos indivíduos e da comunidade. Desta forma, o património cultural passa a ocupar um papel central nas políticas de desenvolvimento das zonas “deprimidas” e nos programas de revitalização territorial (MADURO; GUERREIRO; OLIVEIRA, 2015, p. 1138).

Portanto, o património industrial sofre um processo de reapropriação ajudando a reconstruir a memória e a consciência coletiva fortalecendo, assim, as amarras identitárias ente a população e o espaço social de produção (MADURO; GUERREIRO; OLIVEIRA, 2015).

A identidade territorial constituída em décadas de cultivo da uva e de fabrico do vinho, denota a particularidade dessa atividade que se desenvolveu distante do tradicional território do vinho no sul do Brasil. O saber fazer vinho no Brasil tropical deve ser registrado e salvaguardado, pois a uva e o vinho forjaram no sul de Minas Gerais um património vitivinícola, e aí reside uma das importâncias do futuro museu.

As instituições museais passam a existir nas relações com a sociedade, nas suas mais diversas fragmentações e segmentações, a responder a reivindicações sociais crescentes para participação nos processos de musealização e a aprender a lidar com o direito de grupos a tecer suas micro- histórias, construir suas memórias, eleger e preservar seus patrimônios. Também os museus vislumbram que o património está no território e, além disso, e um conjunto de elementos materiais e imateriais que dialogam entre si, não isolados, e fazem parte da dinâmica cultural (CURY, 2013, p. 472).

Um desafio que está posto refere-se à associação ao cultivo da uva e o fabrico do vinho como elementos do passado. Não podemos nos esquecer que nas últimas décadas a produção de vinho colonial tenha declinado em função da modernização dos sistemas de cultivo, das normas sanitárias e da mudança no padrão de consumo que passou a exigir vinhos de melhor qualidade. O



futuro museu terá o desafio de não ser apenas uma arqueologia do vinho, e sim representar uma vitivinicultura viva e em transformação.

Reconhecer e salvaguardar a memória da indústria vitivinicultura andradense é, antes de tudo, preservar viva todo o contexto histórico de milhares de pessoas que fizeram suas vidas nos parreirais e nas adegas. Além de tudo, valorizar e preservar a história das vinícolas é de suma importância, pois a sua conservação e valorização é a força motriz para a conservação da memória coletiva da cidade e de seus cidadãos. Valorizar as raízes é criar identidade e pertencimento de todas as pessoas envolvidas, aguçando o senso crítico e o exercício da cidadania (PLANO MUSEOLÓGICO, 2018).

A identidade territorial forjada a partir da produção vitivinícola constituiu um rico patrimônio cultural (material e imaterial) em Andradas. Aspectos históricos associados ao modo de fazer o vinho colonial, convivem com os mais modernos métodos de produção de vinhos finos. A paisagem vitivinícola também é um patrimônio, pois os parreirais são a expressão de um modo de cultivar a uva. Portanto, a maior riqueza da vitivinicultura no município é a sua diversidade.

Entre as regiões tradicionais e as novas há trocas. Por exemplo, vitivinicultores das regiões tradicionais cultivam nas regiões novas e empresários das regiões novas buscam a experiência das regiões tradicionais. Nos dois casos, a vitivinicultura é expressão da identidade da sociedade que a produz: a tradicional, ligada aos valores culturais da imigração italiana, enquanto a viticultura nova é bem expressão da sociedade técnico-científica-informacional dos dias atuais (FALCADE, 2005).

O museu do vinho poderá ser uma ponte ente a velha forma de produzir vinho herdados dos descendentes dos italianos, com a nova forma associada à produção de vinhos finos de inverno. Dessa maneira a importância do museu do vinho de Andradas ultrapassa as barreiras municipais, configurando-se enquanto um patrimônio cultural que fortalecerá a identidade territorial vitivinícola de todo um território, ou seja, o sul mineiro.

O museu do Vinho de Andradas, embora em fase de implantação, já cumpre com seu papel enquanto repositório de um patrimônio material e imaterial associado a vitivinicultura em Minas Gerais. Ao trazer à tona essa tradição associada ao cultivo da uva e do fabrico do vinho, revela as nossas carências em relação a outras historiografias que não foram contadas, registradas e analisadas. Quem ganha com isso é a sociedade brasileira, na medida em que mais uma parte do nosso processo de formação territorial é revelado.

No Brasil existem cinco museus dedicados a vitivinicultura, sendo apenas um localizado fora do Rio Grande do Sul. O espaço Cultural Museu do Vinho de Jundiá localizado no interior paulista registra a relação entre a vitivinicultura e a imigração italiana nessa região. Portanto, o

Museu do Vinho de Andradas preencherá essa lacuna, ao registrar as expressões e o patrimônio cultural da vitivinicultura no sul de Minas Gerais.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A centenária tradição em cultivar a uva, e realizar o processo de fabricação do vinho, produziram inegavelmente fortes traços identitários sobre o território sul mineiro, em especial nos municípios de Caldas e Andradas, forjando uma identidade territorial associada às expressões materiais e imateriais da vitivinicultura.

Nas últimas décadas a área vitícola diminuiu consideravelmente. A tradicional vitivinicultura não acompanhou o processo de modernização da atividade. Apresenta-se como uma atividade decadente, especificadamente formada pelas paisagens residuais da vitivinicultura, com considerável patrimônio material e imaterial.

O patrimônio cultural da vitivinicultura no sul mineiro se expressa de maneira plural e difusa. As marcas desse patrimônio são visíveis na paisagem, embora boa parte dos antigos parreirais estejam em declínio. O patrimônio material em forma de antigas adegas é o registro histórico do tempo áureo dessa atividade no município de Andradas. O patrimônio imaterial está nas memórias dos descendentes de imigrantes italianos que por décadas produziram o vinho colonial, e que apesar dos novos conceitos da vitivinicultura a tradição se mantém.

Ao resgatar a memória e as práticas associadas à vitivinicultura no sul de Minas Gerais/Brasil, trazemos à tona a potencialidade da temática que muitas vezes é associada apenas ao sul do país negligenciando outros territórios da uva e do vinho existentes no território brasileiro. Reconhecer o estado de Minas Gerais enquanto produtor de vinhos, é antes de mais nada reconhecer a existência secular de um certo modo de saber/fazer associada a uma ruralidade que se expressa na produção artesanal e no seu caráter familiar.

Portanto, no sul mineiro a formação de uma identidade territorial associada à vitivinicultura gerou um patrimônio material e imaterial. No entanto, o importante para o Museu do Vinho de Andradas é contribuir para uma vitivinicultura que está viva e que conecte o passado com o futuro, redesenhando a geografia do vinho como aponta a Cátedra da UNESCO.

#### REFERÊNCIAS

AMARAL, Tatiana; BARTH, Fernando. Vinícola Caruso Macdonald: Estudo para a restauração das antigas edificações industriais em Urussanga – SC. **ANAIS... Colóquio internacional Vinho, Patrimônio, Turismo e Desenvolvimento**. Florianópolis/SC, 03 a 05 de dezembro de 2013.



BATISTA, Elias. **Vinho e política: momentos saborosos de grandes estadistas em Andradas.** São João da Boa Vista/SP: UNIFAE, 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Vinho amargo: resistência, tradição e modernidade entre sitiantes produtores de uva e vinho no sul de Minas Gerais.** Relatório projeto HOSANA, UNICAMP, 1995.

CAVICCIOLI, Marina Regis. Desafios e perspectivas na preservação do patrimônio cultural do vinho. **ANAIS... Colóquio Internacional Vinho, Patrimônio, Turismo e Desenvolvimento.** Florianópolis/SC, 03 a 05 de dezembro de 2013. p. 26.

CARNEIRO, Maria José (Org.) **Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira.** Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012.

CURY, Marília Xavier. Museu em conexões: reflexões sobre uma proposta de exposição. **Revista Ci. Inf.**, Brasília, DF, v. 42, n. 3, 2013, p. 471-484, set./dez.

DUARTE, Tiaraju S.; FERNANDES, Sibeli. (2014) Identidade territorial e o enoturismo: a imigração e o fabrico do vinho na colônia Maciel, Pelotas (RS). **ANAIS... IX CITURDES, ECA/USP.**

FALCADE, Ivanira. **A geografia da uva e do vinho no Brasil: território, cultura e patrimônio.** MEDEIROS, Rosa Maria Vieira; LINDNER, Michele. (Orgs.) A uva e o vinho como expressões da cultura, patrimônio e território. Porto Alegre: IGEO - Instituto de Geociências, 2017. p. 103-123.

FALCADE, Ivanira. Paisagens vitícolas brasileiras. **ANAIS X Congresso Brasileiro de Viticultura e Enologia, 2005.**

FLORES, Shana Sabbado; MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Ruralidades na compreensão do território do vinho e sua identidade. **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária.** Uberlândia, v. 8, n. 15, p. 1-19, fev., 2013.

LUCCA FILHO, Vinícius. Apresentação. **ANAIS... Colóquio internacional "Vinho, Patrimônio, Turismo e Desenvolvimento.** Florianópolis/SC, 03 a 05 de dezembro de 2013.

MADURO, A. V; GUERREIRO, A.; OLIVEIRA, A. O turismo industrial como potenciador do desenvolvimento local-estudo de caso do Museu do Vinho de Alcobaça em Portugal. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural.** Vol. 13, n. 5. 2015, p. 1129-1143.

KALIL, Thalassa. O vinho em Andradas (MG): sabor, paisagem, lugar, memória e perspectivas dos produtores. **Geograficidade**, v. 6, n. 2, inverno 2016.

PLANO MUSEOLÓGICO DO MUSEU DO VINHO DE ANDRADAS. <http://www.andradas.mg.gov.br/noticia/1589/plano-museologico-museu-do-vinho-de-andradas> acesso em 12/03/2018.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio.** Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

SAQUET, Marcos A.; BRISKIEVICZ, Michele. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**, nº 31, vol. 1, 2009. p. 3-16.

TEDESCO, João C. **O futuro do passado**: etnicidade, comércio e vida rural – tradições culturais em rotas turísticas. Porto Alegre: Letra & Vida, 2013.

